

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO
18 de Novembro de 2022

CRACKERS / 1983

um filme de Louis Malle

Realização: Louis Malle / Argumento: Jeffrey Alan Fiskin / Fotografia: László Kovács / Música: Paul Chihara, Michael McDonald (com a canção tema "More Than We Need") / Montagem: Suzanne Baron / Cenários: Hal Gausman / Guarda-Roupa: Deborah Nadoolman / Interpretação: Donald Sutherland (Weslake), Jack Warden (Garvey), Sean Penn (Dillard), Wallace Shawn (Turtle), Larry Riley (Boardwalk), Trinidad Silva (Ramon), Christine Baranski (Maxine), Charlayne Woodard (Jasmine), Tasia Valenza (Maria), Irwin Corey (Lazzarelli), Edouard DeSoto (Don Fernando).

Produção: Universal Pictures / Produtores: Robert Cortes, Edward Lewis / Direcção de Produção: Teri Schwartz / Cópia: em Blu-Ray, cor, em inglês, legendada electronicamente em português / Duração: 92 minutos / Primeira apresentação pública: Janeiro 1984, Sundance Film Festival / Estreia comercial: 17 de Fevereiro de 1984, Estados Unidos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Em **Crackers** não estamos perante Vittorio Gassman, Marcello Mastroianni, Claudia Cardinale ou Totò, mas estamos perante a mesma história de **I Soliti Ignoti/Gangsters Falhados**, um dos grandes clássicos da comédia italiana do final dos anos cinquenta, realizado por Mario Monicelli em 1958. Monicelli é aliás o nome de uma das personagens deste filme, nomeada por uma velha senhora, e em ambos estamos perante um grupo de gangsters com pouca experiência que tentam assaltar uma loja de penhores, sem sucesso. No lugar dos extraordinários actores italianos já citados, encontramos aqui Donald Sutherland (Weslake), Jack Warden (Garvey), Sean Penn (Dillard), ou Wallace Shawn, um bom punhado de grandes actores norte-americanos que muito contribuem para que Louis Malle leve esta sua aventura nos Estados Unidos a bom porto.

Mas como se escreveu na nota que apresenta esta sessão na Cinemateca, este foi o único dos filmes realizados nos Estados Unidos por Louis Malle em que este se viu às voltas com violentas pressões da produção (o comanditário do projeto foi demitido e substituído) e da equipa técnica, no que veio a ser um clássico episódio de um autor europeu às voltas com a brutalidade da máquina industrial americana. Malle realizaria outros, entre os quais **God's Country**, o muito interessante documentário sobre uma comunidade agrícola em Glencoe, no Estado no Minnesota, filmado em 1979 e só terminado e mostrado vários anos depois, estreando um ano depois de **Crackers**. Intercalando um mergulho numa comunidade rural norte-americana com uma comédia urbana, Malle revela o à-vontade com que trabalha entre géneros tão diferentes, não obstante os já citados constrangimentos na produção de **Crackers**.

Inserindo-se num contexto de uma proliferação de *remakes* que grassavam em meados dos anos oitenta na indústria cinematográfica norte-americana, Louis Malle desloca a acção para um subúrbio multicultural de São Francisco, em que as personagens estão unidas pela amizade, mas também pela necessidade. São poucos os que têm onde cair mortos e parte da sua caracterização e das situações em que se envolvem são hilariantes: o chulo que passeia o bebé ao colo pelas ruas, perdendo o respeito dos seus pares, o jovem galã que quer conquistar a irmã do companheiro mexicano, a mulher-polícia perfeitamente integrada nos esquemas manhosos do bairro. São todas personagens simpáticas com as quais nos podemos facilmente identificar.

Como explicou Louis Malle em entrevista: “Quando Edward Lewis me propôs **Crackers**, a minha resposta foi negativa, porque não me interessava rodar um *remake* de nada. Mas depois pensei e disse-lhe que talvez pudéssemos usar uma película de Monicelli como uma base para fazer algo que tenha a ver com as coisas que estão a surgir na sociedade norte-americana hoje em dia. Lewis sugeriu-me o nome do guionista Jeffrey Fiskin, com o qual trabalhei três meses, primeiro procurando os exteriores no Mission District [em São Francisco] e depois escrevendo o guião. De alguma forma, cada personagem representa um estereótipo, mas dentro de cada um deles existem variantes possíveis. Dou um exemplo; a personagem do chulo negro. Vemo-lo centenas de vezes, mas este tem um bebé de cinco meses que tem de carregar às costas ao longo de toda a história, e assim deixa de ser um estereótipo. Desta forma cada personagem, partindo de uma convenção, pode deixar de ser convencional passados cinco minutos após começar a história.”

Foi mesmo o bairro concreto, com a sua predominância de uma população latino-americana e um sentido de comunidade que Malle não encontrou em muitos outros ambientes urbanos, que esteve na origem das suas principais decisões em termos de argumento e de construção de personagens. O desemprego que avassalava o bairro, estende-se assim à personagens ficcionais, mas com muito humor. Na mesma entrevista Malle afirmou sentir-se atraído pela maior fluidez da sociedade norte-americana em termos de emprego, quando comparada com a Europa, mas fluidez significa também precariedade, como tão bem percebemos pelo filme.

Voltamos a Malle, pois as suas palavras ajudam-nos a melhor perceber o porquê das suas escolhas numa fase tão especial e singular da sua obra: “A decisão que tomei em 1976 de mudar e viver em Nova Iorque era exactamente o que necessitava para revitalizar o meu trabalho. A minha actividade deriva da atenção e da curiosidade pelo que se passa na América actual. Creio que estou a começar a conhecer o País bastante bem a partir de dentro, mas ao mesmo tempo continuo a sentir-me como um estrangeiro, pois o ponto de vista americano é ligeiramente diferente. Se conservo essa diferença, quem sabe ela contribui para fazer com que o meu trabalho seja mais interessante. Não creio que me interesse converter-me em mais um realizador norte-americano”. Malle não correrá certamente esse “risco”, sendo que tal categoria é bastante genérica abrangendo tantos nomes resultantes de fluxos migratórios de outros tantos continentes, mas certamente nunca esteve tão perto.

Joana Ascensão